

OLHARES SOBRE O BRINCAR NOS ESPAÇOS EXTERNOS DA SALA DE AULA EM DUAS ESCOLAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL DO MUNICÍPIO DE ARROIO GRANDE-RS

Graduanda: Cristiane da Rosa Cunha¹

Orientadora: Dra. Silvana Maria Aranda²

RESUMO

Este artigo apresenta dados coletados em uma pesquisa que investiga o brincar nos espaços externos da sala de aula de duas escolas de Educação Infantil do município de Arroio Grande-RS. A investigação de como se dá o brincar nesses espaços externos da escola e como ele é proposto pelas professoras está pautada em algumas questões iniciais: Quais são os discursos que circulam nas escolas sobre o brincar? Existe um planejamento para o brincar nos espaços externos? Quais as dinâmicas que se estabelecem no brincar nos espaços externos? Para tanto foi realizada uma pesquisa qualitativa que teve como instrumentos para a coleta de dados às observações e questionário respondido pelas professoras das turmas observadas das escolas. A partir desta pesquisa pude verificar o quanto a observação, registro e planejamento são importantes em todas as formas do brincar e que, embora nas duas escolas o discurso sobre a importância do brinquedo e brincadeira para o desenvolvimento infantil estivesse presente, o que se via na prática nos mostrava duas realidades absolutamente distintas.

Palavras-chaves: Escola. Brincar. Educação Infantil. Planejamento.

RESUMEN

Este artículo presenta datos recogidos en una búsqueda que investiga el juego en los espacios externos del aula de dos escuelas de Educación Infantil del municipio de Arroio Grande-RS. La investigación de cómo se juega en esos espacios externos de la escuela y cómo es propuesto por las profesoras está pautada en algunas cuestiones iniciales: ¿Cuáles son los discursos que circulan en las escuelas sobre el juego? ¿Existe una planificación para jugar en los espacios externos? ¿Cuáles son las dinámicas que se establecen en el juego en los espacios externos? Para ello se realizó una investigación cualitativa que tuvo como instrumentos para la recolección de datos a las observaciones y cuestionario respondido por las profesoras de las clases observadas de las escuelas. A partir de esta investigación pude verificar cuánto la observación, registro y planificación son importantes en todas las formas del juego y que, aunque en las dos escuelas el discurso sobre la importancia del juguete y broma para el

¹ Graduanda de Licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal do Pampa/Campus Jaguarão

² Professora adjunta e Coordenadora da Brinquedoteca do Curso de Pedagogia na Universidade Federal do Pampa/Campus Jaguarão.

desarrollo infantil estuviera presente, lo que se veía práctica nos mostraba dos realidades absolutamente distintas.

Palabras-claves: Escuela. Jugar. Educacion infantil. Planificación.

1 DESCRREVENDO DE ONDE SURGIU O INTERESSE NESSA PESQUISA

Em nossa trajetória acadêmica de formação no curso de Pedagogia tomamos contato com inúmeros estudos e documentos oficiais que apontam a importância do brincar para o desenvolvimento infantil. O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil - RCNEI mostra que “nas brincadeiras as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação” (1998b, p.22). Esse não é um campo novo, mas nesta pesquisa lancei-me ao desafio de explorar um aspecto que não tem sido objeto de estudo de muitas pesquisas. Nesta pesquisa procurei ater-me sobre como é a dinâmica do brincar nos espaços externos da sala de aula e se existem propostas pedagógicas para organizar o ambiente e aproveitar esse momento para o desenvolvimento integral das crianças. Minha preocupação em discutir a relevância do brincar nos espaços externos surge a partir da minha prática docente I, onde percebi que muitas vezes o brincar fora da sala de aula é visto apenas como uma atividade espontânea da criança, sem interferência ou participação de um adulto mediador. Parece-me que os professores se apropriaram do discurso teórico que sustenta a importância do brincar e da brincadeira como atividade natural da criança e, muitas vezes, o usam para justificar a falta de propostas para esses momentos de brincadeiras livres. Essas observações me suscitaram várias inquietações e me imbuíram a essa pesquisa em que me proponho a mapear a dinâmica do brincar nos espaços externos das escolas e ver se a situação verificada na minha prática de estágio, de total espontaneísmo nas propostas de brincar em espaços como a pracinha, se repete em outros contextos ou se existem outras práticas no que se refere a esse aspecto. Sendo assim o objetivo geral desta pesquisa é perceber como se dá o brincar fora da sala de aula, nos espaços externos, em escolas de Educação Infantil. Para tanto foram coletados dados em duas escolas de Educação Infantil – EMEI do município de Arroio Grande/RS. Trabalhei dentro de uma metodologia de pesquisa qualitativa que “consistem em descrições detalhadas de situações com o objetivo de compreender os indivíduos em seus próprios termos” (GOLDENBERG, 2005, p.53). Como instrumentos de pesquisa foram utilizadas às observações nos espaços externos de duas escolas de Educação Infantil e questionário

respondido pelas professoras das turmas participantes da pesquisa, o que descrevo melhor no capítulo intitulado “Caminhos da pesquisa”.

2 BREVE RESGATE SOBRE O BRINCAR

A Educação Infantil atualmente é a primeira etapa da educação básica no Brasil e vêm se consolidando cada vez mais desde o início do século XX como etapa importante de aprendizagem e desenvolvimento. Hoje temos um vasto referencial teórico que aponta para a importância do brincar e a brincadeira na Educação Infantil e para o fato das escolas terem esse compromisso com a aprendizagem e desenvolvimento das crianças, mas a própria concepção de infância é uma construção histórica e social, o que faz com que possam coexistir em um mesmo momento múltiplas ideias de criança e de Educação Infantil. Sabemos que a Educação Infantil surgiu da necessidade de atender à demanda das mães trabalhadoras que não tinham onde deixar seus filhos, ou seja, a escola de Educação Infantil inicialmente tinha um caráter muito mais de lugar onde as crianças pudessem ser guardadas e cuidadas, do que de um espaço de aprendizagem. Uma incursão nos fatos históricos não seria possível nessas breves linhas, nem interessante, mas fica o registro para o possível leitor desse texto de que embora tenhamos avançado bastante, inclusive sendo a Educação Infantil já reconhecida como direito, muitas questões ainda precisam ser consolidadas, pesquisadas, estudadas, por fazerem parte de uma história muito recente. Interessa aqui nessa sessão trazer as ideias de alguns teóricos sobre essa vivência estruturante para a criança que é o brincar. Brinquedos, brincadeiras, jogo simbólico ou faz-de-conta e tantos outros, a variedade de definições mostra a multiplicidade que tem o brincar para o desenvolvimento infantil. O brincar possibilita a interação das crianças, além de desenvolver a capacidade afetiva, o raciocínio, a autonomia, a imaginação, a identidade entre outros aspectos. De acordo com Felipe (2001, p. 21) “a cada estágio de desenvolvimento infantil há uma reformulação e não simplesmente uma adição ou reorganização dos estágios anteriores”.

Na Educação Infantil, cabe ao professor realizar intervenções e proporcionar momentos enriquecedores através do brincar, a partir de um simples brinquedo ou variadas brincadeiras o professor pode promover situações lúdicas, em lugares apropriados, ou seja, é necessário planejar o uso do espaço para as brincadeiras ou qualquer outro tipo de atividade.

Segundo o Referencial Curricular Nacional (1998a, p. 29) para a Educação Infantil,

A intervenção intencional baseada na observação das brincadeiras das crianças, oferecendo-lhes material adequado, assim como um espaço estruturado para brincar permite o enriquecimento das competências imaginativas, criativas e organizacionais infantis. Cabe ao professor organizar situações para que as brincadeiras ocorram de maneira diversificada para propiciar às crianças a possibilidade de escolherem os temas, os papéis, objetos e companheiros com quem brincar ou os jogos de regras e de construção, e assim elaborarem de forma pessoal e independente suas emoções, sentimentos, conhecimentos e regras sociais.

É bastante relevante pensarmos qual seria a definição do brincar para os professores e alunos, sendo que, para muitos adultos, o brincar pode ser considerado apenas uma diversão ou algo para ocupar o tempo da criança. Porém, para as crianças é todo o compromisso no qual se esforçam para atingir seus objetivos durante a brincadeira. É por isso que acredito que a brincadeira precisa estar presente durante as práticas pedagógicas para potencializar o desenvolvimento da criança, pois é brincando que ela aprende. Segundo Leni Vieira Dornelles (2001, p. 103),

A criança expressa-se pelo ato lúdico e é através desse ato que a infância carrega consigo as brincadeiras. Elas perpetuam e renovam a cultura infantil, desenvolvendo formas de convivência social, modificando-se e recebendo novos conteúdos, a fim de se renovar a cada nova geração. É pelo brincar e repetir a brincadeira que a criança saboreia a vitória da aquisição de um novo saber fazer, incorporando-o a cada novo brincar.

O brincar deve ser explorado em todas as suas modalidades, pode ser livre ou orientado pelo professor como tão bem salienta Kishimoto (2013, p. 10) “para uma educação de qualidade, a criança precisa tanto de brincadeiras livres para tomar iniciativa, como de outras orientadas pelas professoras para aprender coisas que não sabe”. Em minha observação da prática do estágio percebi poucas brincadeiras orientadas nos espaços externos da sala de aula, o que me deixou bastante preocupada, observei apenas crianças brincando sozinhas, sem o olhar do professor sobre essas brincadeiras. O brinquedo/brincadeira dispõe de valores importantes para todas as fases da criança, é através do brincar que a criança vai expressar sua imaginação, habilidade, criatividade, além de se socializar e construir sua identidade e autonomia.

A criança é inserida no mundo adulto através das brincadeiras, podendo então desenvolver seus valores futuros, além de adquirir iniciativa, autoconfiança e a capacidade necessária para viver em seu grupo social. Algumas crianças exercem liderança ou passividade na hora de brincar, evoluindo na sua própria personalidade e autocontrole.

O brincar faz parte do cotidiano das crianças e as escolas precisam investir nesse tipo de contexto, através do brincar a criança vai melhorar sua convivência com outras crianças, além de desenvolver seus limites, diferenças e semelhanças como aponta o Referencial Curricular para Educação Infantil (BRASIL, 1998a, p.69): “O espaço na instituição de Educação Infantil deve propiciar condições para que as crianças possam usufruí-lo em benefício do seu desenvolvimento e aprendizagem”.

O professor de Educação Infantil deve planejar e organizar uma rotina que contemple o brincar como processo de aprendizagem, que possibilite à criança a construção da consciência de si a partir de seus interesses e necessidades para assim se desenvolver. A escola deve dispor de um espaço externo adequado para que as crianças possam brincar e explorar o local, correr, pular, brincar na areia. Possuir brinquedos apropriados para compor uma pracinha; o espaço interno como a sala de aula também tem que contar com um local para que os alunos possam brincar e explorar os brinquedos a elas ofertados. De acordo com a Vera Lúcia Bertoni dos Santos (2001, p. 97),

Nem sempre as escolas dispõem de espaços adequados, tanto no que se refere à dimensão, à luminosidade, ao mobiliário e, até mesmo, às condições de segurança e higiene, para a realização das atividades a que se propõem. Mesmo contando com mínimas condições, com um pouco de atenção e bom-senso é possível transformar significativamente o ambiente da sala de aula, tornando-o mais agradável e estimulante ao pleno desenvolvimento das crianças.

Sabemos que o professor é uma peça fundamental para o desenvolvimento infantil em seu desenvolvimento cognitivo, afetivo, social e na construção da sua identidade, oferecendo-lhe situações e espaços que possam ser explorados, porque “educador é aquele que caminha junto com as crianças, observando/registando, discutindo e refletindo sobre suas ações e sobre seus modos de expressão.” (ROSA; LOPES, 2012, p. 57).

Através do brincar a criança cria seu próprio mundo e recria toda vez que uma nova brincadeira surge. Assim, ela interage com outras crianças e pode expressar seus sentimentos através da brincadeira, ou seja, a criança na maioria das vezes pode reproduzir na hora do brincar as ações praticadas pelo adulto no seu cotidiano.

Como tenho enfatizado no texto, todos os autores apontam para o fato de que o brincar é uma forma de aprendizagem e desenvolvimento, pois “a brincadeira favorece a autoestima das crianças, auxiliando-as a superar progressivamente suas aquisições de forma criativa” (RCNEI, 1998a, p. 27). É através da brincadeira que a criança vai do mundo real ao mundo imaginário. O brincar faz parte do cotidiano infantil e os professores devem planejar levando

em conta esses construtos teóricos. É necessário que os professores compreendam a necessidade e a importância do brincar para o aprendizado e desenvolvimento da criança. Resta saber se essa compreensão existe, quais os discursos circulam nas escolas que irei pesquisar sobre o brincar, quais as dinâmicas do brincar que aparecem nos espaços externos e se esse momento é planejado pelas (os) professoras (es). Na próxima sessão explicito como pretendo organizar essa pesquisa, a fim de encontrar respostas para meus anseios.

3 CAMINHOS DA PESQUISA

A finalidade da minha pesquisa é buscar informações para perceber como se dá o brincar nos espaços externos a sala de aula em duas escolas de Educação Infantil no município de Arroio Grande/RS. Trata-se de uma pesquisa qualitativa. Os instrumentos para a coleta de dados foram as observações das crianças na hora do brincar nos espaços externos da sala de aula e os questionários respondidos pelas professoras das turmas participantes da pesquisa.

Ressalto que a pesquisa foi realizada em Escolas Municipais de Educação Infantil no município de Arroio Grande/RS com turmas de Pré A e B, com crianças entre 4 e 5 anos de idade. Nessas escolas, também foram realizadas conversas informais com as professoras e com o atendente³ das turmas para mais informações. Busco através dos materiais de pesquisa dados que possam contrapor como as crianças brincam nesses espaços, assim como a interação do professor com os alunos e entre os próprios alunos.

A duração das observações foi de quatro horas em cada escola, sendo que realizei uma hora por dia. Para isso é relevante que o pesquisador esteja atento a qualquer detalhe das crianças, pois “durante a observação são registrados dados visíveis e de interesse da pesquisa. As anotações podem ser feitas por meio de registro cursivo (contínuo), uso de palavras-chaves, *check list* e códigos, que são transcritos posteriormente.” (DANNA; MATOS, 2006 apud BELEI et al., 2008, p. 191).

4 RELATANDO OS DADOS DA PESQUISA

4.1 INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE AS ESCOLAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL E SEUS ESPAÇOS EXTERNOS

³ Assim é chamada a pessoa que tem a função de ajudar a professora.

Ao chegar à EMEI A⁴ logo me deparei na entrada com dois portões e um pátio extenso todo gramado. Ao passar por esses portões, me direcionei à secretaria, na qual fui bem recepcionada pela vice-diretora, em uma conversa rápida me apresentei e falei sobre o meu propósito naquela instituição, e pude perceber que a mesma não mostrou muito interesse por minha explanação. A vice-diretora me deu “liberdade” para que eu fosse sozinha procurar a sala de aula em que eu observaria as crianças na hora do brincar nos espaços externos.

Ao caminhar pela escola pude conhecer um pouco do seu interior e perceber em sua estrutura física que, além de ampla ela possui vários espaços externos a sala de aula como: pátio coberto, pracinha e um pátio individual para cada sala de aula. A escola possui vários espaços externos que podem ser enriquecedores para desenvolver o brincar fora da sala de aula, basta que sejam explorados. Ao chegar ao pátio coberto, percebi nas paredes vários painéis das turmas com os trabalhos realizados pelos alunos. Enquanto fiquei ali observando o espaço físico, não pude deixar de notar o acesso livre dos pais ao interior da escola a qualquer hora do dia, sendo que não são respeitados os horários de rotina da escola.

A escola possui cerca de 300 alunos com matrículas integrais e parciais. Ao prosseguir andando pelo interior da escola, notei que são muitas as crianças em cada sala de aula, ficando assim difícil a atenção do professor a todos os alunos, mesmo cada professor tendo um ou dois atendentes para ajudar na rotina diária.

Quanto à EMEI B⁵, percebi logo ao chegar à frente, que é uma escola que dispõe de uma estrutura menor e possui apenas um pátio pequeno com pracinha, sendo que a escola acolhe cerca de 110 alunos e ainda continuam preenchendo as vagas. Me direcionei à entrada da escola e ao tocar a campainha, a diretora foi quem me recebeu e, por sinal, fui muito bem recepcionada. A mesma me conduziu até a sua sala para conversarmos sobre o meu propósito naquele momento, estavam presentes a vice-diretora e a coordenadora pedagógica.

Expliquei quais eram as minhas intenções e objetivos, sendo que a diretora pediu para que eu falasse um pouco mais sobre a minha pesquisa. Ao me ouvir, ela demonstrou muita atenção e interesse na nossa conversa, se colocando à disposição, caso eu precisasse de alguma ajuda. Após a conversa, a mesma me conduziu até a turma em que eu faria a observação para que eu pudesse conhecê-los e apresentar-me à professora. Ao chegar à sala, já pude constatar que havia cerca de 13 alunos.

⁴ Chamarei de EMEI A, a escola de Educação Infantil em que a pesquisa foi realizada em uma turma de Pré A.

⁵ Chamarei de EMEI B, a escola de Educação Infantil em que a pesquisa foi realizada em uma turma de Pré B.

Após conhecer os alunos que fariam parte da minha pesquisa, a diretora me conduziu para conhecer os espaços externos disponíveis para o brincar. Primeiramente, fui conduzida até o pátio e a mesma explicou que são poucas as ocasiões em que se utilizam a pracinha, muitas vezes devido ao tempo frio e chuvoso. Posteriormente, fui levada a um grande salão com vários brinquedos e materiais disponíveis para as crianças, todos muito bem organizados em prateleiras. A diretora relatou que nesse salão é que acontece a maioria das atividades fora da sala de aula, desde a educação física até o brincar livremente. Os professores são orientados a levarem os alunos diariamente para esse salão para que possam propor algum tipo de atividade.

No pouco tempo em que estive na escola, pude perceber que a mesma possui uma rotina diária, onde todos a seguem sem restrição. Outro fato a ser destacado é em relação aos pais, percebi que eles não possuem acesso ao interior da escola. No horário de entrada os pais devem permanecer no lado externo da escola e esperar que toque o sinal, após esse sinal a diretora abre a porta, onde os professores já estão ali posicionados a espera de seus alunos, para conduzi-los a sala de aula.

4.2 CENAS DO BRINCAR

4.2.1 EMEI A – PRÉ A

No primeiro dia de observação, cheguei um pouco antes do horário combinado e a professora pediu para que eu entrasse e aguardasse um momento. Nesse instante pude notar que as crianças brincavam livremente em suas classes, enquanto a professora e o atendente confeccionavam pistas de papelão para as crianças brincarem. Nesse dia havia dezenove alunos presentes.

Após ela terminar, solicitou que os alunos guardassem os brinquedos e ordenou o atendente com a seguinte fala: *“Leva as crianças para a pracinha enquanto eu termino de organizar a sala de aula”*. Olhou para as crianças e produziu a seguinte ordem: *“É para brincar na sombra, se eu tiver que chamar a atenção de vocês, todos retornarão para a sala de aula”*.

Assim o atendente fez, organizou as crianças⁶ em fila e os levou para a pracinha. Chegando ao espaço externo, alguns alunos foram brincar com potes na areia, andar de

⁶ Todas as crianças aqui citadas terão nome fictício para preservar sua identidade.

balanço enquanto outros foram andar de gangorra e roda-roda. Mas teve o menino Paulo que não quis brincar com outras crianças, ficou chorando e chamando pela mãe o tempo todo. Não percebi nenhum adulto intervindo para tentar amenizar a situação e fazer com que ele fosse brincar com outras crianças. O mesmo aconteceu com a Aninha, ela brincou todo o tempo sozinha, não interagindo com ninguém, e assim como o Paulo nenhuma pessoa fez uma intervenção para socializá-la com os colegas.

O Carlos brincava na areia de cavar um buraco com mais três crianças. De repente ele não quis mais continuar a brincar e foi a partir desse momento que ele começou a interferir de maneira agressiva nas brincadeiras dos demais colegas. Até o momento em que a professora percebeu o que estava acontecendo e o colocou de castigo junto com ela na sala de aula. A professora ia a todo o momento na pracinha para lembrar os alunos que se não obedecessem ao atendente ou brigassem entre eles, ficariam de castigo na sala de aula.

Durante a minha observação, em nenhum momento percebi a interação entre a professora e alunos, já que as crianças permaneceram todo o momento na pracinha apenas com o atendente. As crianças até tentavam alguma aproximação entre elas, mas na maior parte do tempo permaneceram em grupos separados por brinquedos onde as crianças que estavam brincando no balanço, por exemplo, não interagiam com as que estavam em outro brinquedo.

Por fim, a professora pediu para o atendente que levasse os alunos de volta à sala de aula. Então ele ordenou que as crianças juntassem os brinquedos ali espalhados e retornassem para a sala.

No segundo dia de observação cheguei no horário combinado, mas a professora se atrasou para levá-los aos espaços externos devido à atividade que estava sendo realizada em sala de aula. Novamente ela pediu ao atendente que levasse as crianças para a pracinha, pois ela iria terminar de organizar a sala de aula. Chegando à pracinha, as crianças logo se espalharam para brincar, percebi neste dia que as crianças foram para os mesmos lugares que estavam na observação anterior, ou seja, os que brincavam no balanço no primeiro dia de observação foram para os balanços novamente e assim aconteceu com todos. A menina Aninha continuava a brincar sozinha sem a intervenção de um adulto.

Pude notar que o atendente estava bastante empenhado em dar atenção a todos, mas isso era impossível. Ele não sabia nem como agir, porque enquanto ele cuidava de umas acabava ficando de costas para outras. Em conversa informal com o atendente, o mesmo me informou de que não recebeu nenhuma orientação ao iniciar seu trabalho na escola de como

proceder com os alunos tanto em sala de aula quanto no espaço externo, ficando muitas vezes em dúvida de como agir nesses momentos do brincar.

No terceiro dia de observação compareci no mesmo horário combinado, como havia chovido um dia antes, a professora ficou na dúvida do que faria com as crianças durante a minha observação. Então, ela ordenou as crianças que cada um pegasse um brinquedo e os levou para o pátio coberto. Ao chegar nesse espaço, os meninos foram brincar de carrinho e as meninas de bonecas, mas com o tempo deixaram as bonecas de lado para ir pular amarelinha⁷. Ao ver as meninas se divertindo e pulando, alguns meninos resolveram ir pular amarelinha também, a maioria das crianças não sabia como proceder na brincadeira, como dar continuidade e nenhum adulto entreviu para ensiná-los.

Em certo momento me chamou bastante atenção que a Aninha, que nas observações anteriores na pracinha brincava sozinha, estava interagindo com todos os colegas sem exceção. Depois da amarelinha, todos já estavam correndo e brincando entre si de pega-pega, alguns na casinha de boneca que tem no pátio. As crianças realmente demonstravam felicidade no rosto, era notável a sensação de liberdade que eles possuíam. Nesse dia a professora permaneceu presente no pátio junto com os atendentes. No entanto, em nenhum momento ela interagiu com as crianças, ela apenas sustentava uma conversa com as mesmas quando elas chegavam perto, já os atendentes tentavam propor algumas brincadeiras para as crianças apenas falando, mas continuavam sentados no mesmo lugar, sem de fato organizar as brincadeiras. Um menino veio até a professora e reclamou que outro colega não o deixava brincar junto. A professora então respondeu: *“Vai brincar com os colegas e abre o teu espaço”*.

Não pude deixar de notar no rosto dos atendentes a frustração ao propor uma brincadeira que não era realizada ou que as crianças começavam, mas não sabiam como continuar. Sugeriram as crianças que fossem brincar de pega-pega, mas o efeito não foi o esperado, pois as crianças começaram a correr, quando eles puderam perceber, as crianças já estavam se empurrando e alguns caindo no chão. Então a professora orientou que voltassem a brincar de carrinhos e bonecas. Ao voltarem a brincar com os brinquedos, a Aninha não

⁷ É uma brincadeira infantil muito conhecida e tradicional no Brasil. A amarelinha é desenhado com o giz no chão, fazendo um retângulo grande dividido em dez retângulos menores – as ‘casinhas’ – numerados de 1 a 10. Na parte superior da amarelinha, fazer uma meia-lua e escrever dentro “Céu”. A criança tem que atirar uma pedrinha no retângulo que não poderá ser pisada, começando pelo número 1. A criança deve atravessar o resto do circuito com pulos alternados nos dois pés e em um pé só. Ao chegar no ‘Céu’, deve fazer o caminho de volta do circuito, pegando a pedrinha - sem pular na casa onde ela está. Depois se joga a pedrinha no próximo retângulo e assim sucessivamente. Se errar, será a vez do próximo jogador. Vence quem completar toda a amarelinha primeira.

brincou junto com os colegas. Preferiu pegar um ioiô e brincar sozinha, distante dos colegas. Ela interagiu espontaneamente com os atendentes, ia até eles e conversava um pouco, logo em seguida voltando a brincar isoladamente.

O quarto dia de observação foi realizado no primeiro momento da aula, em seguida que as crianças chegaram à escola. A professora organizou as crianças para irem à pracinha, mas como o dia estava muito ventoso e frio, ela decidiu levá-los para o pátio coberto para brincarem livremente. Algumas crianças brincaram de boneca, com peças de montar, de carrinho, outros preferiram ficar sentados brincando de faz de conta⁸.

Nesse dia, pude perceber que eles estavam interagindo entre eles e trocando os brinquedos uns com os outros. Porém, apareceu uma menina que não estava presente nos outros dias de observação e ela não quis brincar com ninguém, ficando isolada só observando os colegas brincar. Perguntei para a professora se a menina costuma ficar assim diariamente, se isolando e brincando sozinha, a mesma me respondeu que sim e que a menina não brinca com ninguém, ela fica apenas olhando as crianças.

O atendente em vários momentos interagiu conversando com os alunos, mas nunca na brincadeira ou brincando junto. Assim como a professora, ele só pedia que as crianças cuidassem dos brinquedos e não brigassem.

4.2.1 EMEI B – PRÉ B

No primeiro dia de observação, ao chegar à escola as crianças ainda estavam terminando suas atividades. Ao terminarem, a professora pediu para que guardassem o material e fizessem uma fila para se direcionar ao salão. Chegando ao local a professora pediu que todos ficassem sentados um do lado do outro no chão, enquanto ela organiza os materiais para a realização de uma atividade dirigida⁹.

A professora colou fita crepe no chão formando um tipo de zig zag em duas fileiras e dividiu a turma em dois grupos, sendo um grupo para cada fileira. Posteriormente, ela entregou para cada grupo um carrinho, onde eles tinham que passar com o mesmo por cima da fita fazendo o trajeto de ida e volta e entregar o carrinho para o próximo da fila continuar. Terminando, foi à vez do boneco fazer o trajeto caminhando, e assim aconteceu e todos

⁸ “A brincadeira de faz-de-conta, também conhecida como simbólica, de representação de papéis ou sociodramática, é a que deixa mais evidente a presença da situação imaginária”. (KISHIMOTO, 2005, p. 39).

⁹ As atividades são dirigidas pelo docente: ele diz o que a criança precisa realizar, pré-programando as atividades.

realizaram o percurso. Quando a professora foi questionada por um aluno do porque dessa brincadeira ela respondeu da seguinte maneira: *“isso é importante para o desenvolvimento motor de vocês, para que todos tenham coordenação em realizar as tarefas”*.

Como segunda atividade, a professora escolheu o circuito¹⁰, que foi colocado três bambolês formando um triângulo e as crianças tinham que pular com os dois pés, um em cada bambolê e em seguida pular com um pé só no outro bambolê. Terminando elas corriam para fazer zig-zag nos cones, seguindo para a bola, na qual as crianças sentavam em cima e pulavam três vezes, terminando no escorregador.

Por último, ela propôs uma atividade de relaxamento para que as crianças recuperassem o fôlego e descansassem. As crianças sentaram em círculo no chão, tiveram que colocar a mão no peito e respirar profundamente, como uma maneira de acalmá-los. Terminado essas atividades, ela contou uma história para os alunos.

Nesse momento de observação pude notar a interação que existe entre a professora e os alunos, pois ela passa o tempo todo dialogando com as crianças, fazendo com que eles interajam entre si. A professora trata todos iguais, sempre com muita atenção e carinho.

No segundo dia de observação, quando cheguei à escola, as crianças estavam na hora do conto no salão. A professora pediu para que eu entrasse e aguardasse que não demoraria a terminar. Quando terminou a hora do conto e todos se retiraram, ela me disse: *“vou organizar o salão e já darei início ao brincar, pois hoje é dia da brincadeira livre. Gosto muito de seguir um cronograma contemplando todas as maneiras de brincar das crianças”*.

Assim que a professora organizou tudo, ela disse aos alunos que poderiam ir até os baldes¹¹ para escolherem com o que iriam brincar, porque mesmo a brincadeira sendo livre, é a professora quem seleciona os brinquedos que podem ser utilizados, ou seja, ela escolhe quais os brinquedos serão aproveitados naquele momento e os disponibiliza para as crianças escolherem dentre aqueles quais elas preferem. Os meninos pegaram carrinhos e a única menina presente naquele dia foi brincar de casinha com as bonecas. A professora a todo o momento interagiu com os alunos e sempre manteve um diálogo entre eles. Primeiramente ela foi brincar com a menina, mas não deixando de lado os meninos, procurando dar atenção a todas as crianças.

No terceiro dia de observação, cheguei um pouco antes do combinado, e a professora pediu que eu entrasse e aguardasse um instante as crianças terminarem as atividades. Após, a professora conduziu os alunos ao salão para que realizassem o brincar livre. Os meninos

¹⁰ Consiste em diversas atividades de movimentação sem intervalos habituais.

¹¹ São recipientes que a escola utiliza para organizar e guardar brinquedos.

pegaram carrinhos e bonecos para brincar, já as meninas preferiram as bonecas e a cozinha com panelinhas.

Na brincadeira em que as meninas estavam fazendo comida para as bonecas, Clara perguntou para a Joana: *"Tu olhou se a comida tá quente"*. Em resposta à Clara, ela disse: *"Sim, vamos lavar as mãos para comer"*. É muito interessante como as crianças trazem para a brincadeira do faz-de-conta a realidade na qual vivem.

Porém, João não quis deixar de brincar de carrinho e continuou a brincar sozinho. Os outros deixaram os carrinhos e foram brincar de montar fazendinha. Quando já estavam entretidos, Lucas disse para João: *"Amigo, deixa o carrinho e vamos brincar de fazendeiro"*.

Pude notar que a professora se manteve atenta ao brincar livre das crianças, mas sempre intervindo quando necessário. A professora ao ser questionada pela Joana quando ela perguntou *"Por que só tem um cachorro, se nós somos três?"*, notei que a professora, bastante surpresa com a pergunta, não soube nem o que dizer, dando um sorriso à menina.

Durante as brincadeiras, as crianças interagiam entre elas, sendo que Lucas estava brincando com o carrinho e foi até as meninas como se estivesse andando de carro e disse: *"Vim trazer uma encomenda"*. A professora lembrava a todo instante que as crianças tinham que cuidar dos brinquedos para não estragarem, além de orientá-los a compartilharem os brinquedos uns com os outros.

No quarto dia de observação, quando cheguei à escola, a professora já estava organizando as crianças para irem ao salão. Chegando lá, a professora pediu para os alunos fazerem um círculo, enquanto ela colocava uma música tranquila para que eles fizessem alguns exercícios de alongamento e relaxamento.

Após os exercícios, as crianças foram brincar livremente com bonecas e carrinhos. As meninas demonstraram estar bastante entretidas durante a brincadeira, já os meninos estavam um pouco agitados, batendo os carrinhos uns nos outros, sendo que a professora teve que chamar a atenção diversas vezes.

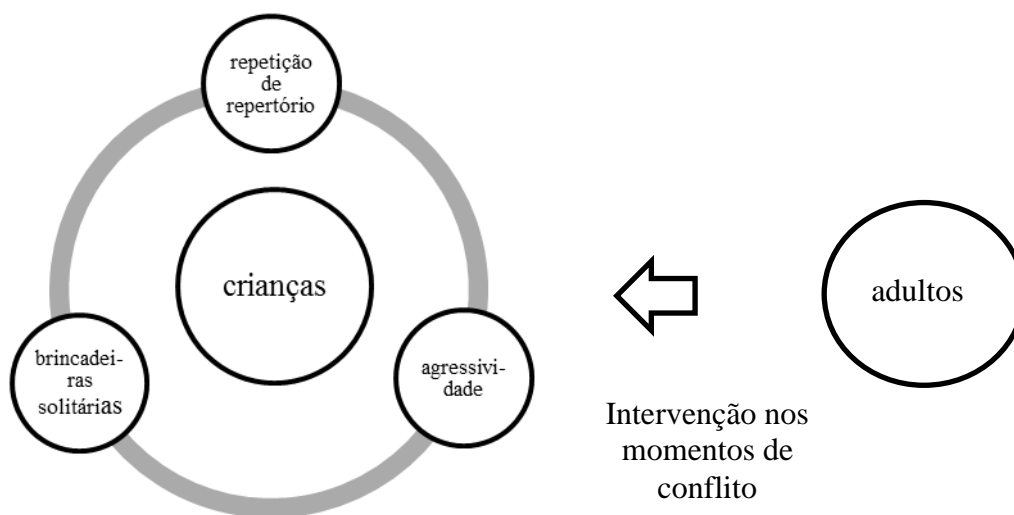
Nesses dias de observação, pude notar que em nenhum momento houve desavença entre as crianças, pelo contrário, demonstraram que a relação entre eles é de respeito uns com os outros. E a professora sempre atenta e interagindo a todo o momento com os alunos.

5 ANALISANDO AS CENAS DO BRINCAR NOS ESPAÇOS EXTERNOS A SALA DE AULA

5.1 EMEI A – PRÉ A: A FORMA LIVRE DE BRINCAR

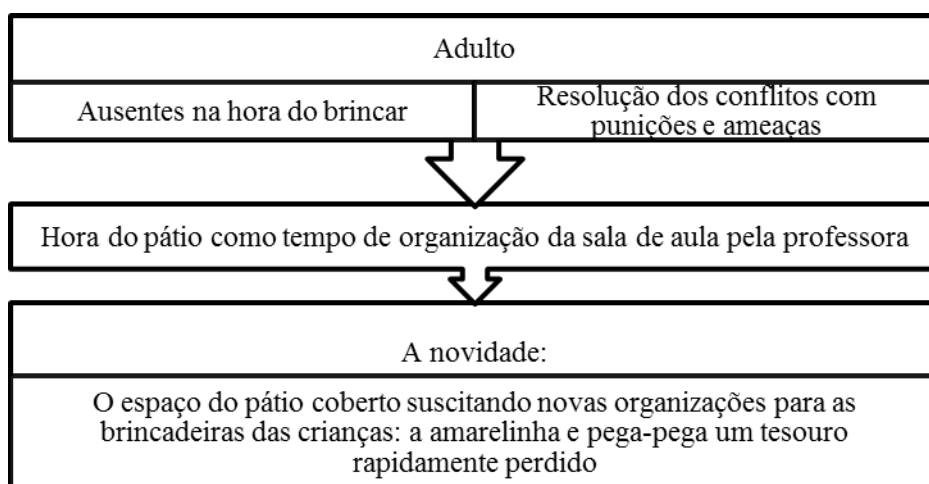
Os ciclos que se repetem nas brincadeiras realizadas no pátio (pracinha), como observamos nas figuras abaixo.

Figura 1 – Ciclos das brincadeiras



Fonte: Material da pesquisadora.

Figura 2 - Observação na Escola



Fonte: Material da pesquisadora.

Nos momentos de observação da escola A, as crianças brincam sozinhas sem intervenção do adulto como proponente de brincadeiras ou como participante das mesmas. Isso fica evidente no trecho de minha descrição sobre o primeiro dia de observação, em que

“o menino Paulo que não quis brincar com outras crianças, ficou chorando e chamando pela mãe o tempo todo” sem que nem o atendente ou a professora fizessem algum tipo de mediação. Da mesma forma aconteceu com a Aninha que brincou sozinha, não interagindo com ninguém, e assim como aconteceu com o Paulo, nenhuma pessoa fez uma intervenção para socializá-la com os colegas.

O que os autores que estudei durante a graduação e na revisão de bibliografia para esta pesquisa colocam é que o professor não pode estar ausente ou se eximir da interação na hora do brincar, a ele cabe um importante papel de mediação, uma vez que a criança em determinados momentos, quando estão brincando, acabam por não saber como lidar com algumas situações e ainda propondo desafios ou observando o que as crianças fazem ao brincar. A interação do professor com as crianças na hora do brincar pode abrir um leque de possibilidades, de caminhos os quais escolherão através de sua autonomia.

De acordo com a Saida Marta Ide (2005, p. 95),

[o] mediador deve respeitar o interesse do aluno e trabalhar a partir de sua atividade espontânea, ouvindo suas dúvidas, formulando desafios à capacidade de adaptação infantil e acompanhando seu processo de construção do conhecimento.

Nessas cenas que foram descritas nas observações era visível à ausência da figura do adulto mediador durante o brincar. As crianças permaneciam nos espaços externos sem a presença da professora somente com o atendente, o que fica evidente em determinados trechos descritos nas cenas do brincar, em que os alunos permaneceram todo o momento na pracinha apenas com o atendente, sem que houvesse nenhum tipo de mediação em relação ao brincar ou até mesmo ações no sentido de promover a interação entre os alunos, um exemplo disso é a menina Aninha que continuava, dia após dia observado, a brincar sozinha sem interferência de um adulto. O papel do professor é extremamente importante para o desenvolvimento infantil, e possui algumas funções, conforme Santos (2001, p. 98-99):

A primeira delas é a função de “observador”, na qual o professor procura intervir o mínimo possível, de maneira a garantir a segurança e o direito à livre manifestação de todos. A segunda função é a de “catalisador”, procurando, através da observação, descobrir as necessidades e os desejos implícitos na brincadeira, para poder enriquecer o desenrolar de tal atividade. E, finalmente de “participante ativo” nas brincadeiras, atuando como um mediador das relações que se estabelecem e das situações surgidas, em proveito do desenvolvimento saudável e prazeroso das crianças.

No entanto, esse momento precioso foi utilizado pela professora para organizar a sala de aula, não foi feito nenhum registro, não se vê o papel de catalizador e muito menos de participante ativo. O atendente por sua vez não conseguia dirigir o olhar e atenção a todos. O que notei nesses dias observados é que não existiu um planejamento para os momentos de brincadeira livre. Fica claro não apenas pelo que foi observado, mas pela fala da professora que o momento do pátio, como já mencionei, é usado para organização da sala de aula, quando diz para o atendente: “leva as crianças para a pracinha enquanto eu termino de organizar a sala de aula”. Para que haja o brincar como propósito de aprendizagem é necessário que o professor planeje esses momentos junto às atividades da sala de aula como enfatiza o RCNEI (1998a, p. 32) ao dizer que “o professor deve planejar e oferecer uma gama variada de experiências que responda, simultaneamente, às demandas do grupo e às individualidades de cada criança”.

É interessante observar que o brincar sempre “livre” no espaço externo como a pracinha, sem planejamento prévio da professora acaba por ocasionar a repetição do mesmo repertório de brincadeira pelas crianças, ou seja, balanço para alguns, roda-roda para outros, alguns com baldinho de areia e outros na gangorra, esse tipo de repertório ficou visível em minhas descrições das Cenas do Brincar. As crianças não eram aguçadas por um adulto mediador para que pudessem brincar em outros brinquedos, variando sempre que possível, ou a explorar mais aquela brincadeira dentro de suas possibilidades. Essa seria uma postura do professor que trabalha com conceitos como o de zona de desenvolvimento proximal, explicitado por Vygotsky, teórico citado pela professora no questionário que analisarei na próxima sessão.

Outro ponto perceptível a ser destacado foi a agressividade entre os alunos, o que fica evidente em minha descrição que se torna mais grave devido à ausência da professora como mediadora dos momentos de conflitos. A professora aparece como aquela que pune, pois só intervinha para repreender os alunos nos momentos de conflito ameaçando com o castigo dentro da sala de aula, sem ajudar na construção de alternativas para que essas agressões não ocorressem novamente.

Outro fato relevante que gostaria de enfatizar é a transição da pracinha para o pátio coberto. Nesse espaço foi possível verificar um comportamento absolutamente diferente por parte das crianças, uma tentativa constante de interação entre elas em alternância com a brincadeira solitária. Foi bastante notável a diferença no brincar das crianças nesses dois espaços. Em um o mesmo repertório de brincadeiras repetia-se e no outro espaço as crianças

pareciam que se sentiam provocadas a descobrir novas formas de brincar, saindo da rotina estabelecida de brincadeiras. Até mesmo o atendente encontrou uma forma de interagir com as crianças, propondo brincadeiras o que não tinha sido feito na pracinha ou em algum outro momento. Nesse sentido o espaço foi mediador de novas possibilidades, porque a criança não se desenvolve apenas dentro da sala de aula, e sim em todos os lugares, pois os espaços externos são prolongamentos dos espaços internos.

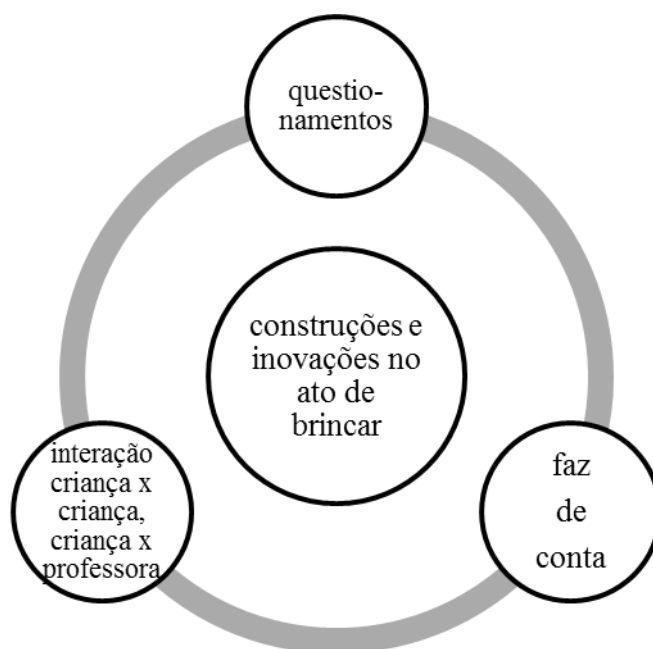
Segundo Maria da Graça Souza Horn (2004. p. 36),

Os espaços externos são considerados prolongamentos dos espaços internos, sendo utilizados por meio de uma perspectiva pedagógica. No entanto, esses espaços têm uma característica comum, que é o acolhimento, sentimento que advém do cuidado e da harmonia na organização dos ambientes, na forma de receber os alunos [...].

O que se conclui da análise das dinâmicas do brincar que se estabelecem nessa turma é que a falta de planejamento e interação da professora com os alunos produz um espaço de repetições, agressividade e punição, bem diferente daquele defendido nos documentos legais e construtos teóricos.

5.2 EMEI B – PRÉ B, ALTERNÂNCIA ENTRE O BRINQUEDO LIVRE E O DIRIGIDO: UM PLANEJAMENTO INTENCIONAL PARA O ATO DE BRINCAR

Figura 3 – Interações no brincar



Fonte: Material da pesquisadora.

Durante as minhas observações na escola B, fica evidente a interação entre os alunos e a professora. É mais que uma relação de alunos e professores, existe uma cumplicidade entre eles, sendo que a professora trata todos com muito afeto sem discriminar ninguém. Existe uma relação distinta entre a professora e os alunos, eles interagem simultaneamente, e não de forma que os alunos sejam passivos e a professora ativa. É possível perceber que a professora propõe momentos para que os alunos possam interagir, sendo que:

A ação do professor de educação infantil, como mediador das relações entre as crianças e os diversos universos sociais nos quais elas interagem, possibilita a criação de condições para que elas possam, gradativamente, desenvolver capacidades ligadas à tomada de decisões, à construção de regras, à cooperação, à solidariedade, ao diálogo, ao respeito a si mesmas e ao outro, assim como desenvolver sentimentos de justiça e ações de cuidado para consigo e para com os outros. (BRASIL, 1998b, p. 43)

Ainda assim, a interação entre as crianças é recíproca, sendo que em nenhum momento presenciei conflitos entre elas. Ao brincar, os meninos e as meninas selecionavam na maioria das vezes os carrinhos e as bonecas, respectivamente, mas em algum momento do brincar eles mantinham contato através da brincadeira, o que se observa quando Lucas estava brincando com o carrinho e foi até as meninas como se estivesse andando de carro e disse: "*Vim trazer uma encomenda*". É muito importante que haja interação entre as crianças na hora do brincar para que juntos possam evoluir e criar sua autonomia. Conforme Oliveira (2005, p. 50), "a criança, na interação com parceiros diversos, busca construir sua identidade dentro de um clima de segurança, exploração e autonomia".

Outro ponto interessante é o momento em que as crianças questionam a professora, muitas vezes deixando-a sem uma resposta, mas evidenciando o fato de que existe espaço para o diálogo e questionamento. As crianças em suas vivências estão sempre dialogando e assim questionam o mundo ao seu redor, no qual Paulo Freire (1986, p. 65) caracteriza o diálogo como:

[...] a confirmação conjunta do professor e dos alunos no ato comum de conhecer e re-conhecer o objeto de estudo. Então, em vez de transferir o conhecimento estaticamente, como se fosse uma posse fixa do professor, o diálogo requer uma aproximação dinâmica na direção do objeto.

Ao mesmo tempo em que as crianças estão brincando e interagindo, elas também possuem dúvidas. Acredito que isso possa nos mostrar a evolução que a criança está tendo,

sendo que há tempos era ensinada a não questionar um adulto em hipótese alguma, mas atualmente esse tipo de atitude vem sendo modificado e a criança através de algumas práticas vem sendo ensinada a sair dessa posição passiva e passar, uma postura ativa, sabendo que possui o direito de questionar.

Não posso deixar de destacar o faz-de-conta, que esteve presente em todas as observações, algo que não se evidenciou na escola A. No terceiro dia de observação pude verificar isso na hora do brincar livre e perceber se as crianças trazem para a brincadeira os acontecimentos da realidade. Na “brincadeira em que as meninas estavam fazendo comida para as bonecas e Clara perguntou para Joana: *“Tu olhou se a comida tá quente”*”, em resposta à Clara, ela disse: *“Sim, vamos lavar as mãos para comer”*. É isso que acredito que seja interessante quando as crianças estão brincando, porque acabam trazendo para dentro da brincadeira fatos que acontecem na vida do ser humano.

Segundo Zilma Ramos de Oliveira(2005, p. 159),

O jogo simbólico ou faz-de-conta, particularmente, é ferramenta para a criação da fantasia, necessária a leituras não convencionais do mundo. Abre caminho para a autonomia, a criatividade, a exploração de significados e sentidos. Atua também sobre a capacidade da criança de imaginar e de representar, articulada com outras formas de expressão.

O brincar pode ser visto como um momento de transição entre a realidade e a fantasia, em que a criança vai desenvolver sua imaginação e criatividade através de oportunidades que ofereçam desafios e prazer. No decorrer das brincadeiras, a criança irá criar seu mundo, além de desenvolver o raciocínio e construir seu próprio conhecimento. Ainda assim, podemos considerar a brincadeira como um instrumento pedagógico para o desenvolvimento e a aprendizagem e até mesmo um momento de divertimento, apesar do ponto de vista de cada um. Nessa turma, pela organização e planejamento da professora, o brincar nos espaços externos é terreno fértil para imaginação, fantasia, jogo simbólico, produz diferentes dinâmicas e questionamentos.

6 BREVE CONSIDERAÇÃO SOBRE OS DADOS DOS QUESTIONÁRIOS

6.1 QUESTIONÁRIOS DAS PROFESSORAS

Nesse item será realizada uma breve análise dos questionários respondido pelas professoras das turmas participantes da pesquisa. Os mesmos foram entregues para as professoras, para que elas pudessem responder em momento propício. Será atribuída a seguinte identificação PA e PB para as professoras da escola A e B, respectivamente.

Figura 4: Informações sobre as professoras participante da pesquisa: questões 1 e 2

	PA	PB
Formação dos professores	Licenciatura em Pedagogia com Pós Graduação em Mídias na educação	Licenciatura em Pedagogia e Pós Graduação em Supervisão
Tempo de serviço na Educação Infantil	Dois anos	Três anos
Número de alunos	20	13

Fonte: Material da pesquisadora

Nesse primeiro item do questionário pode-se destacar que ambas as professoras têm formação superior e pouco tempo de atuação na Educação Infantil, o que me leva a pensar que esses não seriam os fatores que determinam práxis pedagógicas tão diferenciadas.

No que se refere à questão de nº 3:

Como você planeja os momentos de brincadeira?

Sobre o planejamento é possível afirmar que ambas as professoras dizem planejar os momentos destinados à brincadeira nos espaços externos da escola. A PB diz que as brincadeiras dirigidas são descritas e a livre mencionada no planejamento. Nesse ponto é possível verificar que mesmo a PB, que nas cenas descritas possui um planejamento intencional para o ato de brincar, não faz o registro das brincadeiras livres de modo a usá-lo como momento de pesquisa para elaboração de futuras ações ou planejamento em sua sala. O planejamento na Educação Infantil é importante para que se tenha um trabalho de qualidade, conforme cita Ostetto (2012, p. 177):

Planejar é essa atitude de traçar, projetar, programar, elaborar um roteiro para empreender uma viagem de conhecimento, de interação, de experiências múltiplas e significativas para/com o grupo de crianças. Planejamento pedagógico é atitude crítica do educador diante de seu trabalho docente. Por isso não é uma fôrma! Ao contrário, é flexível e, como tal, permite ao educador repensar, revisando, buscando novos significados para prática pedagógica.

O planejamento marca a intencionalidade do processo educativo mas não pode ficar na intenção, ou melhor, só na imaginação, na concepção...Ninguém diria que não é

necessário escrever o planejamento. A intencionalidade traduz-se no traçar, programar, documentar a proposta de trabalho do educador. Documentando o processo, o planejamento é instrumento orientador do trabalho docente.

A PA, por sua vez, diz organizar o planejamento “a partir dos objetivos a serem desenvolvidos na turma”, no entanto em nenhum momento observado me pareceu que existissem objetivos para as brincadeiras nos espaços externos a sala de aula e também não observei um planejamento para esses momentos de brincar.

Na questão de nº 4 e 5:

Com que frequência às crianças brincam?

Você considera importante o brincar para as crianças desta faixa etária? Por quê?

As brincadeiras em ambas as turmas, conforme mencionado pelas professoras, são diárias. Na escola B, em conversa informal com a professora, fui informada que existe uma norma que contempla o brincar diariamente. Ambas as professoras consideram importante o brincar justificando essa importância pelas interações coletivas e aprendizagem através do lúdico. No entanto, apenas na escola B verificamos as interações coletivas e a aprendizagem lúdica.

Na questão de nº 6:

Quais os problemas que surgem durante as brincadeiras?

Um dos problemas que surge durante as brincadeiras que foram enfatizadas pelas professoras é o uso dos brinquedos, pois as crianças disputam o mesmo brinquedo. Nessa faixa etária do pré-escolar é normal a criança não querer dividir os brinquedos com os outros, sendo essa uma das principais características da criança que é chamado de egocentrismo, mas com o tempo dará lugar ao processo de socialização.

No que se refere à questão de nº 7:

Qual o local utilizado para as brincadeiras? Existe uma organização desses espaços para o brincar?

No que se refere ao local e à organização dos espaços para a hora do brincar, apenas a PA respondeu o questionário afirmando que existe uma organização desse espaço no momento do brincar, o que não foi presenciado em nenhum dia de observação. Acredito que isso possa interferir no desenvolvimento da criança, já que não existe uma organização do espaço para que ela possa se sentir estimulada e interagir constantemente, de acordo com Horn (2004, p. 16), “os espaços destinados a crianças pequenas deverão ser desafiadores e acolhedores, pois, conseqüentemente, proporcionarão interações entre elas e delas com os adultos”.

Na questão de nº 8:

Qual, na tua opinião, é a principal dificuldade que o professor encontra na hora de desenvolver as brincadeiras?

Aparece um fato peculiar, para a PB o mais importante e desafiador é “manter as brincadeiras interessantes”, ou seja, reconhece a importância de seu planejamento e atenção para que o isso ocorra. Já a PA coloca como problema a “desmotivação de alguns alunos”, parecendo que eles deveriam estar naturalmente motivados, eximindo-se da responsabilidade de planejar ações para construir um ambiente desafiador e que mobilize seus alunos.

Esses aspectos ficaram visíveis nas observações, onde as concepções expressas nesses questionários repercutem em atividades motivadoras na escola B e que pouco envolve os alunos na escola A.

Na questão de nº 9:

Qual o material utilizado nos momentos do brincar?

No que se referem aos materiais utilizados nos momentos do brincar, os questionários apontam uma ampla lista: cones, bambolês, corda, escorregador, bola, balão, pinos, brinquedos e brinquedos didáticos (jogos) feitos pela professora. No entanto, apenas na escola B alguns desses materiais estiveram presentes nas observações.

Figura 5: Alguns materiais utilizados nos momentos do brincar



Fonte: Material da pesquisadora

A criança precisa de uma organização dos espaços, mas também necessita de materiais para que possa exercer sua criatividade. A professora que utiliza esses recursos citados acima em suas práticas pedagógicas estará estimulando o aluno a novos desafios, além de desenvolver aspectos diferentes do que uma atividade que tenha apenas um tipo de material. Quando o assunto é espaço externo, os brinquedos tem presença pouco significativa, deixando apenas para ser explorados na sala de aula.

Na questão de nº 10:

As brincadeiras são dirigidas? Por quem?

Ambas as professoras afirmam que as brincadeiras são dirigidas, por elas e pelos atendentes, não comentando sobre as brincadeiras livres. O que foi verificado é que apenas a PB nos dias observados desenvolveu brincadeiras dirigidas, que são atividades em que o professor ordena as regras, supervisiona e, por fim, ele quem guia a brincadeira.

Na questão de nº 11:

Que teóricos acreditas que tem contribuído para a tua prática?

Sobre o aporte teórico das professoras foram citados: Paulo Freire, Vygotsky, Jean Piaget e Emilia Ferreiro.

Paulo Freire ficou conhecido como “educador popular”, foi pedagogo, filósofo e educador brasileiro reconhecido em todo o mundo. Conhecido por desenvolver o método de alfabetização de adultos, que falava que o educando aprenderia sobre o objeto de estudo utilizando sua realidade como prática e por defender uma aula dialógica. Só consegui ver a presença desses pressupostos teóricos na prática da professora B. Já Vygotsky com uma abordagem sociointeracionista, iniciou sua carreira como psicólogo, e criou a teoria da aprendizagem na qual “o funcionamento psicológico estrutura-se a partir das relações sociais

estabelecidas entre o indivíduo e o mundo exterior”. (FELIPE, 2001, p. 28). Esses pressupostos teóricos também estiveram evidenciados apenas na prática da PB. Jean Piaget que desenvolveu a teoria cognitiva que “afirma que conhecer significa inserir o objeto do conhecimento em um determinado sistema de relações, partindo de uma ação executada sobre o referido objeto” (FELIPE, 2001, p. 30) e mostra os seguintes estágios: sensório-motor, pré-operacional, operatório-concreto e operatório-formal. Da mesma forma, parece que a professora A está longe de demonstrar evidenciar esse entendimento em suas práticas. E já Emilia Ferreiro, citada por ambas as professoras, desvendou a forma como as crianças pensam sobre a leitura e escrita e não foi observado nenhum indicio de relação dos pressupostos teóricos mencionados com o planejamento do brincar de ambas as professoras.

De acordo com os aportes teóricos citados acima, apenas na escola B percebi práticas pedagógicas compatíveis com a maioria deles. A PB utilizava jogos, existia colaboração entre pares e atividades que desafiavam as crianças em sua zona de desenvolvimento proximal. E mantinha o diálogo e o olhar atento para os educandos.

No que se refere às questões de nº 12 e 13:

Nesses anos de experiências, você viu mudanças na maneira como as crianças brincam?
Costumas brincar com as crianças? De que brincam?

Apenas a PA observa mudanças na forma com que as crianças brincam e ambas dizem brincar com as crianças citando, as seguintes brincadeiras: morto-vivo, coelhinho sai da toca, batatinha frita, bola, de pular, correr, saltar, brincadeiras de dança e todos os jogos didáticos.

De modo geral o que pude observar na análise dos questionários, é que no caso da PA já existe um discurso sobre a importância do brincar nos espaços externos, planejamento e aportes teóricos, mas ainda não verificamos esse discurso em ação na hora de sua prática. Para essa professora parece que apenas as atividades dentro da sala de aula devem ser planejadas e o espaço externo ocupado apenas para que tenha tempo de organizar o lugar onde se dão as atividades. No caso da PB existe uma práxis pedagógica voltada para o planejamento do brincar nos espaços externos da escola e parece dar tanta importância ao que é feito fora da sala de aula quanto ao que é feito dentro da mesma. Por isso, devemos enfatizar o planejamento para que o professor pense e repense na maneira que está sendo estruturado o seu agir na Educação Infantil, pois:

Sem dúvida, a elaboração de um planejamento depende da visão de mundo, de criança, de educação, de processo educativo que temos e que queremos: ao selecionar um conteúdo, uma atividade, uma música, na forma de encaminhar o trabalho. Envolve escolha: o que incluir, o que deixar de fora, onde e quando realizar isso ou aquilo. E as escolhas, a meu ver, derivam sempre de crenças ou princípios. (OSTETTO, 2012, p. 178).

CONSIDERAÇÕES FINAIS: ALGUMAS CONCLUSÕES DE PESQUISA

Na análise das cenas do brincar, dos questionários respondidos pelas professoras das turmas observadas é possível tecer breves conclusões, uma delas é de que a observação do brincar nos espaços externos da sala de aula nos permite descortinar diferentes dinâmicas estabelecidas pelas crianças, o que mereceria um estudo mais profundo.

Igualmente concluo, pela análise dos dados, que as duas escolas são um reflexo das transformações e permanência da história da Educação Infantil. A EMEI A estaria mais vinculada à Educação Infantil vista como um espaço de cuidado, na qual o brincar se dá de maneira totalmente espontânea não sendo planejado pela professora, tão pouco com a intencionalidade de aprendizagem e desenvolvimento infantil. Na EMEI B consegui perceber que o cuidar e o educar estão presentes em todos os momentos inclusive nas brincadeiras espontâneas, sempre com planejamento diário contemplando todos os aspectos do desenvolvimento da criança.

Isso permite que eu confirme a importância da observação do professor, sendo um professor pesquisador e mediador do brincar e do planejamento que contemple todas as formas do mesmo. Gostaria de ressaltar que não defendo o fato de que as atividades que envolvam o brinquedo e a brincadeira sejam sempre dirigidas ou tuteladas pelo professor, mas sim de que é importante que o professor acompanhe esses momentos, observando, anotando e em alguns momentos intervindo.

Estas realidades tão distintas nas duas escolas nos mostram que existe um processo de mudança da concepção e da práxis pedagógicas na Educação Infantil, principalmente no que se refere ao ato de brincar. Sobre esse, pude concluir que as professoras já sustentam um discurso que caminha no sentido de enfatizar a importância do brincar para o desenvolvimento infantil, ainda que na prática uma das professoras não tenha elementos que sustentem o seu discurso.

O tempo de pesquisa é exíguo, ficam muitas inquietações que mereceriam ser aprofundadas em outra pesquisa, mapeando como se dá o brincar nos espaços externos da sala de aula em outras realidades.

REFERÊNCIAS

BELEI, Renata A., PASCHOAL, Sandra R. G., NASCIMENTO, Edinalva N., MATSUMOTO, Patrícia Helena V. R. O uso de entrevistas, observação e videogravação em pesquisa qualitativa. In: **Cadernos de Educação**; FaE/PPGE/UFPel, Pelotas [30]:187-199, janeiro-junho, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** – Brasília: MEC/SEF, 1998a.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** – Brasília: MEC/SEF, 1998b.

DORNELLES, L.V. Na escola infantil todo mundo brinca se você brinca. In: CRAIDY, C.M.; KAERCHER, G. E.P. S. (Org.). **Educação Infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001. P.101-108.

FELIPE, Jane. O desenvolvimento infantil na perspectiva sociointeracionista: Piaget, Vygotsky, Wallon. In: CRAIDY, C. M.; KAERCHER, G. E. P. S. (Org.). **Educação Infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001. P.27-37.

FREIRE, Paulo. SHOR, Ira. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1986.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 9º ed. – Rio de Janeiro: Record, 2005.

HORN, Maria da Graça Souza. **Sabores, cores, sons, aromas: a organização dos espaços na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

IDE, Saldá Marta. O jogo e o fracasso escolar. In: KISHIMOTO, Tizuko Morchida. (Org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 8. ed. – São Paulo: Cortez, 2005.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. O jogo e a educação infantil. In: KISHIMOTO, Tizuko Morchida. (Org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 8. ed. – São Paulo: Cortez, 2005.

_____. Brinquedos e brincadeiras nas creches e pré-escolas. In: MENDONÇA, Rosa Helena. **Brinquedos e brincadeiras na creche e na pré-escola**. Tv escola/salto para o futuro. Rio de Janeiro, 2013.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação Infantil**: fundamentos e métodos. 2. Ed. – São Paulo: Cortez, 2005.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Planejamento na educação infantil: mais que a atividade, a criança em foco. In: OSTETTO, Luciana Esmeralda. (Org.). **Encontros e encantamentos na educação infantil**. 10ª ed. – Campinas, SP: Papyrus, 2012.

ROSA, Cristina Dias; LOPES, Elisandra Silva. Aventuras de viver, conviver e aprender com as crianças. In: OSTETTO, Luciana Esmeralda. (Org.). **Educação Infantil**: Saberes e fazeres da formação de professores. – 5ª ed. – Campinas, SP: Papyrus, 2012.

SANTOS, Vera Lúcia B. dos. Promovendo o desenvolvimento do faz-de-conta na educação infantil. In: CRAIDY, C. M.; KAERCHER, G. E.P. S. (Org.). **Educação Infantil**: pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001. P.91-99.